

ÁGUA É PARA TODOS? ABASTECIMENTO DE ÁGUA: PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA E COSTUMES EM SÃO FRANCISCO-MG (1960-1980)

Ariely Antunes

Mestranda em História Social - PPGH Unimontes

E-mail: antunesariely@gmail.com

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo resgatar nas memórias de moradores as experiências e vivências sobre a implantação do abastecimento de água na cidade de São Francisco-MG, durante as décadas de 1960 a 1980. Por se tratar de uma cidade à margem do rio São Francisco, buscamos compreender como a mesma viveu o episódio da falta de água. Propomos uma discussão sobre o processo de urbanização da cidade São Francisco-MG e as políticas públicas nas décadas de 1960 e 1980, analisando como era feito o abastecimento de água na cidade e como se deu a implantação deste. Dessa maneira, através de pesquisas bibliográficas juntamente com fontes documentais e orais, aventamos entender como se deu essa implantação e o porquê das tensões. Assim, concluímos que a implantação do abastecimento de água na cidade de São Francisco foi cercada de tensões e conflitos devido à forma pela qual foi implantada.

Palavras chave: Memória. Abastecimento de água. Tensões.

Introdução

A cidade São Francisco está localizada às margens direita e esquerda do rio São Francisco, na região norte do Estado de Minas Gerais, no vale do médio São Francisco, com uma área territorial de 3.300 km², situa-se a 158 km de Montes Claros MG, 600 km da capital mineira Belo Horizonte e 400 km da capital federal brasileira.

Em 2011 a população de São Francisco sofreu um caos, devido a um corpo humano ter sido encontrado dentro da caixa d'água da COPASA (Companhia de Saneamento de Minas Gerais), empresa responsável pelo abastecimento de água nos dias atuais. Em decorrência disso, procuramos compreender como se deu a implantação do abastecimento de água em São Francisco, para tentar encontrar os agentes de tantos problemas permanecerem ocorrendo até os dias atuais.

O fornecimento de água potável chegou a São Francisco dia 25 de setembro de 1962, através de convênio entre a prefeitura municipal e a empresa CAENE (Companhia de Águas e Esgotos do Nordeste). Até então, o modo como funcionava o suprimento de água era precário, utilizado apenas por uma pequena parcela dos moradores que residiam no centro da cidade, alguns bairros periféricos contavam apenas com um ponto de abastecimento, o conhecido chafariz. Na tentativa de resolver esse problema, em 1971 houve uma transferência da empresa CAENE para a empresa COMAG (Companhia Mineira de Águas e Esgoto), a futura responsável pelo abastecimento da cidade de São Francisco. A tentativa de melhoria foi frustrada, visto que os problemas e reclamações aumentaram.

Em 1973 o Governo Federal instituiu o Plano Nacional de Saneamento, com o objetivo de melhorar o trabalho da COMAG. No ano seguinte, através da Lei 6.475, ficou estabelecido que o nome da COMAG fosse modificado para COPASA, a partir dessa lei foram feitas modificações na empresa buscando mais uma vez a melhoria na distribuição de água no norte de Minas Gerais.

Urbanização da cidade de São Francisco

Apesar do município de São Francisco estar situado à margem direita e esquerda do rio São Francisco, a cidade sempre viveu o drama da falta de água. É paradoxo esta afirmação, no entanto é a realidade da população ribeirinha que ali vivia. Desde já salientamos que esta discussão transita por uma reflexão que envolve o processo de urbanização da cidade, que está diretamente ligado a dois fatores marcantes: a seca, que historicamente castiga milhares de famílias em pleno vale do São Francisco, que acabam migrando para a cidade; e as enchentes do rio, que obrigaram grande parcela da população rural a migrar em massa para terrenos baldios na cidade.

São Francisco nasceu movida pelas embarcações e população que chegava à cidade por meio do rio, pois era o rio São Francisco a principal via de acesso. Outro fator importante no processo de formação da cidade foi a forte presença do vaqueiro, do fazendeiro que, com seu gado, criaram na cidade uma nova forma de organização

cultural, econômica e social. Desta forma, o município foi crescendo de forma desorganizada pelas mãos dos pescadores, dos criadores de gado e dos pequenos produtores agrícolas, fomentando o comércio e as relações sociais da população. É dentro desse cenário de urbanização sem planejamento que vilas e bairros foram surgindo na periferia da cidade e às margens do rio. No entanto, sem água, luz, rede de esgoto, escolas e unidades de saúde.

Segundo os memorialistas da cidade, para resolver os problemas das enchentes o poder público municipal construiu um muro que separa o rio da cidade. Esse muro resolveu este problema, todavia, a falta de abastecimento de água da cidade continuou a ser o problema. A população desejava que as águas entrassem pela cidade de forma “civilizada”, ou seja, canalizada até suas casas.

De acordo com Brasileiro Braz “a história do município está intimamente ligada a do grande rio que lhe empresta o nome” (BRAZ, 1977, p. 35). Theodoro Sampaio faz uma interessante abordagem em seu livro *O rio de S. Francisco e a Chapada Diamantina*, no qual afirma que “a decadência dos povoados nesses sertões é uma coisa tão inexplicável como o aparecimento deles” (SAMPAIO, 1905, p. 165). São várias as cidades destacadas por Sampaio. No que reflete à cidade de São Francisco, ele a apresenta com dados de apenas dois anos após sua emancipação:

A cidade de S. Francisco era de categoria recentíssima e bem o demonstrava na modéstia excessiva das suas ruas proporcões. Três ruas longitudinaes, algumas transversaes curtas, tortuosas todas por calçar, ou com um calçamento rudimentar apenas iniciado, 378 casas de feio aspecto, irregulares, mal construídas, uma população de 2.000 habitantes escassos, e muita pobreza, apesar de se nos dizer que o logar era bom, prospero e fadado a auspicioso futuro, eis o que então a novíssima cidade que tão gentilmente nos recebia (SAMPAIO, 1905, p. 163).

Com o passar dos anos São Francisco deixou de ser aquela pequena cidadezinha e começou a crescer, surgindo novos bairros. Na década de 193, houve a necessidade de um melhoramento nas ruas, a cidade estava entrando em processo de crescimento urbano. “Nessa época também foi necessária à desapropriação de casas e de terrenos para a abertura de correção de ruas”. Além disso, para ativar a educação municipal foram criadas escolas na zona rural e na cidade (SILVA, 2013, p. 40).

São Francisco foi se expandindo territorialmente e, conseqüentemente, os problemas relacionados à salubridade, higienização e habitação foram aumentando. É nesse momento que o poder p dá um início à implantação de uma rede de abastecimento de água. Esse abastecimento era feito de modo precário, sem nenhum tratamento. A água era bombeada do rio e levada para algumas residências. Nem todos os moradores eram favorecidos por esse sistema. Ao analisarmos a formação do município, percebemos que ele foi sendo habitado e construído com muitas irregularidades, acarretando uma série de problemas nos seus serviços públicos, dentre eles, o de abastecimento de água.

A água é para todos?

Propomos aqui analisar o discurso do *SF, O jornal de São Francisco*, entre os anos de 1962, data que o poder público municipal assina o Contrato de Concessão com a primeira empresa responsável pelo abastecimento de água potável em São Francisco; até 1982, onde o já citado jornal, traz reportagens constantes sobre a dinâmica em torno dessa implantação do abastecimento de água. O *SF, o jornal de São Francisco* está disponível no prédio da ONG-PRESERVAR, na cidade de São Francisco-MG. Trouxemos também memórias de sujeitos que viveram esse período de lutas, tensões e resistências, através das narrativas orais podemos lidar com a trajetória vivida por esse povo e entender a importância da água para eles.

O jornal de São Francisco já anunciava com muito entusiasmo, em julho de 1962, que viria uma empresa para tratar do abastecimento de água na cidade: “ficou em princípio que a participação do município na Companhia de Águas e Esgotos do Nordeste (CAENE), entidade que deverá ficar afeta da exploração dos serviços de abastecimento de águas e de esgotos no município” (SF, O JORNAL DE SÃO FRANCISCO, 22/07/1962). Ainda de acordo com o jornal, esta empresa receberia recursos para investir em 22 municípios, no qual era denominado “polígono das secas”. Vemos no contrato de concessão que a primeira empresa de abastecimento de água da cidade de São Francisco foi a CAENE, “(...) celebrado com a Companhia Mineira de

Águas e Esgoto-CAENE, a 25 de setembro de 1962(...).”

“A CAENE instala a rede de abastecimento no mais novo bairro de São Francisco, o Alto Bandeirantes em 1969” (SF, O JORNAL DE SÃO FRANCISCO, 1969, Ano IX, nº 339). Porém, os equipamentos para bombear a água até as residências não conseguiam realizar o trabalho, havia a necessidade de mais motores. Conforme a edição do jornal nº 354, de 10 de agosto de 1969, as autoridades da cidade fizeram um pedido à empresa de mais um motor, antes que acontecesse algum dano e a cidade ficasse totalmente sem água.

Ainda de acordo com o SF, *O jornal de São Francisco* a água fornecida pela empresa CAENE não possuía tratamento algum, o povo reclamava, pois a empresa era paga pelos seus serviços. A população fazia críticas aos problemas de saúde pelo qual poderiam passar ingerindo água direta do rio. Apenas algumas pessoas possuíam reservatório de água em casa e a grande maioria ficava a mercê da CAENE. O povo reclamava da falta de água no período noturno. A população esperava uma solução, mas nada era feito para resolver esses problemas (SF, O JORNAL DE SÃO FRANCISCO, 1970, Ano IX, nº 377).

A Prefeitura Municipal de São Francisco assinou convênio faz tempo com a Companhia de Águas e Esgotos do Nordeste (CAENE), visando melhormente atender a população da cidade, pois esta Cia teria as condições ideais para o desempenho deste serviço que seria deficiente com os recursos técnicos do município. Realmente foi possível a CAENE o bom desempenho da sua parte e enquanto o número de ligações não excedeu a capacidade do maquinário montado não houve problema algum. A cidade cresceu muito, mas o fato não alarmou a CAENE, e por isso ela nada investiu em São Francisco que respondesse ao dinheiro arrecadado no decorrer dos anos. Fez algum serviço, mas nada comparável com a necessidade e dimensão do exigido (SF, O JORNAL DE SÃO FRANCISCO, 1971, Ano XI, nº 440).

A CAENE não se adequou ao crescimento da cidade, permanecendo com mesmo maquinário, que não conseguia satisfazer a nova demanda populacional. A cidade havia crescido, novos bairros foram surgindo e, logo, sendo prejudicados. A água passou a faltar com frequência e a população passou a reclamar do problema recorrente. Havia reclamações também de que quando a água chegava aos chafarizes, era suja.

A nossa reportagem teve oportunidade de ouvir, nos últimos dias, para ser, realmente, um autêntico porta voz das críticas e reivindicações que o povo faz à CAENE, várias pessoas da cidade. E o que anotou foi um profundo descontentamento com os serviços desta companhia fornecedora de água. Vejamos a situação: O que a população reclama? 1) Falta de capacidade dos motores para captação e distribuição de água. Há setores da cidade em que o precioso líquido só dá o ar da graça em determinadas horas da noite. 2) Falta de material de reserva: se queima um motor o fornecimento torna-se deficiente e muitas das vezes a água é capitada e distribuída diretamente ao consumidor, sem nenhum tratamento. Torna-se, então lógica a pergunta: do que adianta servir água boa de se beber, durante 11 meses, para depois em um dia distribuir água barrenta (não é exagero: certas ocasiões sai barro puro das torneiras!) E contaminada? 3) Há cerca de um mês que dois motores foram queimados (mais recentemente um 3º, teve o mesmo fim) e ainda não receberam os reparos necessários. O serviço com apenas um motor, tornou-se precaríssimo, e esta realidade deixa toda população em pânico: e se esse que resta se danificar? É bom lembrar que neste mês a CAENE, sem aviso prévio e maiores explicações ao povo, aumentou a taxa mínima de Cr\$6,69 para Cr\$8,05 Providências já foram tomadas pelo executivo local que recebeu o Sr. Joel Carvalho, diretor, presidente do escritório regional, sediado em Montes Claros, a promessa de providenciar com urgência a recuperação dos motores avariados o que para quem vive nesta calamitosa situação já é alguma coisa (SF, O JORNAL DE SÃO FRANCISCO, 1970, Ano X, nº 395).

Em entrevista com Tereza Maria da Conceição, moradora da cidade há mais de cinquenta anos, ela afirma como era a chegada da água em seu bairro, Vila Vicentina: “a gente levantava meia noite, uma hora da manhã, pra pegar fila, chegava lá já tinha gente na frente nossa, era muita dificuldade, ai até a gente conseguia, pegava, e tinha vez que não conseguia, tinha vez que a água nem ia no chafariz” (CONCEIÇÃO, 2013).

O jornal do dia 16 de maio de 1971 apontou várias irregularidades no abastecimento de água da cidade às margens do rio São Francisco. A situação ficou tão precária que, além do hospital, da delegacia e das residências, até as escolas foram afetadas. Para não serem interrompidas as aulas, a água passou a ser transportada em caminhões pipas e a população vivia carregando barris de água para sua subsistência ou até mesmo para vender.

As filas de carregadores d'água estão aumentando. Escolas, principalmente internatos, enfrentam problemas seríssimos e uma série inumerável de casos estão exigindo uma solução imediata. Enquanto isto a CAENE já vem com o novo aumento da tarifa que deverá chegar aos Cr\$ 10,00 (SF, O JORNAL DE SÃO FRANCISCO, 1971, Ano XI, nº 440).

Com todos esses problemas relacionados ao abastecimento de água, numa tentativa de resolvê-los, a única solução encontrada foi substituir a empresa. A empresa Companhia Mineira de Águas e Esgotos (COMAG) foi contratada para fazer os serviços que a CAENE não estava conseguindo realizar, no dia 30 de julho de 1971. Como há de se verificar no contrato de concessão, feito entre o município de São Francisco e a empresa COMAG¹:

Certifico que encontra-se registrada no livro nº 33, registro de leis, as fls. 149 verso, 150 e 150 verso, a lei nº 485/74 no seguinte teor: “Autoriza o prefeito municipal a firmar termo de re-ratificação do contrato de concessão dos serviços de abastecimento de água da sede do município, celebrando com a companhia de Águas e Esgotos do Nordeste- CAENE, a 25 de setembro de 1962, é cedido a Companhia Mineira de Águas e Esgotos- COMAG, com a interveniência da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste-SUDENE, em 03 de julho de 1971.

O contrato com a COMAG foi firmado na tentativa de uma possível melhoria no sistema de abastecimento de água da cidade, tendo duração de 30 anos, podendo prorrogar, mas isso iria depender da qualidade do trabalho oferecido pela empresa. Ainda sobre o contrato de concessão, no artigo 2º afirma que as instalações que antes eram da CAENE agora passam a ser da COMAG:

Art. 2º- Todos os bens e instalações vinculados aos serviços de água do município que, direta ou indiretamente ocorreram, exclusiva e permanentemente, para captação, adução, tratamento, reservação ou distribuição de água são igualmente concedidos a Companhia Mineira de Águas e Esgotos-COMAG, - livres de quaisquer ônus, pelo mesmo prazo de 30 (trinta) anos.

De acordo com o Jornal *SF*, o *jornal de São Francisco*, observamos que a empresa, logo após assinar contrato com a cidade, prometeu melhorias no fornecimento de água:

Esteve visitando esta cidade, a fim de verificar o andamento de água, o DrGarabed Belian. Em contato com Prefeito Municipal, oficializou as boas novas de que o Diretor da Comag-MG- de Belo Horizonte, já havia assinado um convenio de 150 milhões, em Recife, para os serviços de melhoria do abastecimento de um novo assentamento de um novo conjunto de motores

¹ O contrato pôde ser consultado nos arquivos da COPASA.

para captação e distribuição d'água nesta cidade (SF, O JORNAL DE SÃO FRANCISCO, 1971, Ano XI).

Após todos os atos comemorativos com a nova empresa, não durou muito e os velhos problemas passaram a ganhar as páginas do jornal da cidade. Tendo em vista que a nova empresa contratada prometia melhoras, em análise do *SF, o jornal de São Francisco*, não foi isso que verificamos, pois, um ano depois da contratação da COMAG, a população ainda sofria com a falta de água.

O sanfranciscano, desde o mês de maio, já está pagando mais, 20% sobre a tarifa d'água, aumento que já estava previsto. Houve o crescimento das tarifas, mas o aumento do precioso líquido, a ampliação da rede de distribuição e outros melhoramentos não vieram ao mesmo tempo. A COMAG mostrou-se disposta a resolver o problema do abastecimento d'água com a construção da nova rede direta para a caixa e outros serviços que se faziam necessários, mas, depois de uma fase acelerada de serviço, deixou tudo como estava. O fornecimento d'água, atualmente, salvo alguns dias, tem sido regular, mas uma boa parte da população ainda se vale de carroças carregadores d'água. É tempo de dar uma solução definitiva para o problema (SF, O JORNAL DE SÃO FRANCISCO, 1972, Ano XII, nº 400).

O jornal aponta que a empresa COMAG, após um ano de sua instalação não havia conseguido resolver os problemas, porém a taxa cobrada pela água continuava aumentando. O descaso ainda permanecia, a água não chegava às casas e o povo tendo, assim, que se valer de outras formas para adquiri-la. Segundo este mesmo jornal, o sistema operacional da empresa COMAG precisava ser aperfeiçoado, pois a falta de água continuava a aborrecer os moradores da cidade de São Francisco.

São Francisco passa mais uns dias com problemas no abastecimento d'água. A ocorrência desta vez, ou ainda nesta vez, se deu em virtude de problemas elétricos nas chaves de ligação dos motores. No fim da semana o problema persistia, e o “rush” da comag na reforma da rede de ligação para a caixa de distribuição não passou da primeira fase, para nosso desencanto, pois todos os problemas de insuficiência do precioso líquido seriam sanados, com sua conclusão. Os esforços devem ser redobrados para uma retomada do importante serviço que viria dar nova dimensão ao trabalho da comag e, com isso, atendimento aos novos bairros que tem surgido com o crescimento da cidade. É o caso de complementar este importante benefício prestado à nossa comunidade por esta empresa, é utilidade, bem público e por isso mesmo deve se estender a todos que possam retribuir com o pagamento de taxas e aos demais com instalação de chafaris. A comag precisa crescer com urgência (SF, O JORNAL DE SÃO FRANCISCO, 1972, Ano XII).

Entendemos o quão era necessária uma ampliação na rede de abastecimento, para que os novos bairros da cidade também pudessem usufruir da água de maneira correta em suas próprias residências ou em chafarizes. Entretanto, a COMAG apresentava um trabalho que ainda não obtinha os resultados desejados pelo povo. Diante dessa discussão, entendemos que a mudança de empresa não havia solucionado o problema da falta de água. Assim salienta o *SF*, o *jornal de São Francisco*:

A Comag tem poucos dias para resolver o problema d'água em São Francisco, conforme a previsão do eng^o Martius Santos, diretor regional da companhia, em informação prestada ao prefeito Oscar Caetano Jr. O tempo é pouco se levarmos em conta a ineficiência do serviço, as dificuldades que tem enfrentado a companhia em realizar o mínimo necessário ao atendimento da população e ainda os meios que tem empregado no andamento das obras. No mês de fevereiro, poucos dias o serviço da Comag funcionou com regularidade ou mesmo satisfatoriamente. A Tonica dói seca, atingindo a uma situação de calamidade, culminando com o descontentamento da população que passou a reclamar insistentemente, em grupos de até 40 pessoas, junto ao escritório local. Pior de tudo é a imagem criada em torno da companhia que se apresentava em São Francisco, cercada de muito respeito e recebida com muita esperança. Bastou este descuido, por sinal muito comprometedor, para que a sua atuação servisse a comentários jocosos, magoados, cingindo e pelo descrédito. Uma empresa de prestação de serviços e que, por sua vez, é paga pelos clientes, religiosamente, deve atentar se mais as suas responsabilidades, deveres e com sua imagem, para que não caia no descrédito. A Comag está se submetendo a uma situação que exigira muito esforço futuro, muita eficiência para se, colocar num lugar de destaque e confiança diante do povo. Fica então esta advertência muito séria aos diretores da Comag: o que está sofrendo o povo de São Francisco, com esta falta d'água incrível e prolongada, causará sérios prejuízos morais a companhia (SF, O JORNAL DE SÃO FRANCISCO, 1973, Ano XII).

Ao analisar o jornal de São Francisco, percebemos que a insatisfação da população ao abastecimento de água não é ocultada, as suas páginas enfatizam manifestações contra a forma de distribuição da água. Em 1973 o Governo Federal cria o PLANASA (Plano Nacional de Saneamento), com o objetivo de melhorar a área de saneamento. No ano seguinte, em 14 de novembro de 1974, pela Lei 6.475 o nome da COMAG seria modificado para COPASA (Companhia de Saneamento de Minas Gerais). A empresa abastece mais de 600 municípios mineiros envolvendo todo o sistema desde a captação de água à distribuição. É responsável também por todo aparelho relacionado ao esgoto sanitário. Além das concessões com as cidades, a

COPASA também utiliza o sistema de convênios, que é o caso de muitos municípios do estado de Minas Gerais.²

Temos a fala de algumas moradoras da cidade que ainda não desfrutavam da água em suas residências, como Maria Barbosa, moradora do bairro Vila Vicentina: “(...) a gente não tinha, saía pedindo água de casa em casa, aí panhava num chafariz que tinha lá perto da cadeia” (BARBOSA, 2013). E muitas vezes, a água ainda chegava com o aspecto barrento: “(...) vinha pela COPASA. Mas mesmo pela COPASA a água vinha com o barro do rio, que a gente ia lavar os pote, tava aquele lodo de barro”. De acordo com Maria Barbosa: “faltava água, e ficava era dias sem ter água, a gente panhando água lá no rio, tinha vez que nos pegava na COPASA mesmo, eles dava pra gente lá na COPASA” (BARBOSA, 2013). E as reclamações ainda persistiam nos jornais:

Os moradores do Alto Bandeirante estão reclamando a falta de água. Mas um determinado usuário residente, usuário residente naquele bairro, dirigiu aquela repartição para fazer reclamação, foi atendido muito mal. Com esta atitude os moradores fizeram um abaixo assinado que será dirigido a repartição geral da Copasa. É isso aí minha gente, vamos tomar providencias (...) (SF, O JORNAL DE SÃO FRANCISCO, 05/12/1982).

A falta de água na cidade de São Francisco afetou diretamente a vida das pessoas, isso é perceptível nas experiências que a população traz consigo. Nos depoimentos sobre a disputa pela água os moradores da cidade de São Francisco discorrem sobre o que detém na memória, sendo assim, uma prática que nos leva a entender como se deu esse episódio.

A senhora Maria Arlinda destaca que quando chegou a São Francisco foi morar no bairro Aparecida, a cidade era pequena, havia poucos bairros, pouquíssimas casas possuíam água encanada e a maioria era no centro da cidade: “e quem não tinha água encanada, pegava água no chafariz, quando tinha água no chafariz, e dependente disso, pegava no rio, quando não podia pegar no chafariz, porque demorava muito, não podia ficar sem água” (ARLINDA, 2013).

O que se nota é que a história do abastecimento de água na cidade de São Francisco foi construída por meio de conflitos e disputas, o que podemos perceber

²As informações foram obtidas em uma cartilha da COPASA, que está disponível em: <http://www.copasa.com.br/media2/PesquisaEscolar/COPASA_Institucional.pdf>. Acesso em Jan. 2019.

através da fala das entrevistadas. Maria Gonçalves Ferreira, 68 anos, reside em São Francisco há mais de 40 anos, após ter sido desapropriada das terras onde morava e trabalhava, no meio rural, decidiu vir para a cidade, pois não tinha onde morar. Quando chegou à cidade de São Francisco passou a morar no bairro Vila Vicentina, ela nos conta que: “brigava demais (...) brigava pro mode água, o povo brigava nas filas, tomava as vez da gente né? ai agente batia muito boca, porque os que chegava derradeiro queria encher as vazia na frente, ai tinha briga, muita briga” (FERREIRA, 2013). A senhora Tereza Maria da Conceição, 66 anos, moradora da cidade de São Francisco há mais de 50 anos, após a sua família ser expulsa das terras onde moravam, no meio rural, nos conta sobre os conflitos em torno dos chafarizes:

Eu nunca briguei, mas alguns sempre eu via brigando por causa do lugar, porque era assim: a gente chegava lá tinha aquelas latinha, na vaga daquelas pessoas, a pessoa ia botava aquela latinha lá, pra quando aqueles que chegassem por último não tomar a frente. Então o que acontece, um dia teve uma briga (...) e justamente por causa da vaga, que a mulher chegou tava a latinha ai ela pegou tirou a latinha, e ficou na vaga dela, ai ela chegou a mulher já tava na vaga dela ai ela achou ruim, falou que a vaga era dela, que ela tinha levantado meia noite e tinha posto a lata lá, pra quando ela vim a vaga dela ta lá. Ai a outra mulher falou: olha moça quem tinha que ficar aqui era você não era a lata não, porque nós chegou precisando da água, ai eu tirei a lata e fui pegar minha água, eu tava precisando, e ocê tava lá drumindo, então essa vaga que ocê deixou aqui não ia servir pra nada, se ocê não tava, ela não ia andar lá pra torneira pra encher as vasilhas, então eu cheguei tava precisando, eu peguei (CONCEIÇÃO, 2013).

As entrevistadas refletem sobre o mesmo assunto, disputas que aconteciam na busca pela água, todos precisavam dela, a única solução era procurar nos chafarizes, porém nem todas as vezes conseguiam. Tereza Maria ainda nos fala como funcionava a busca pelo líquido:

A gente levantava meia noite, uma hora da manhã, pra pegar fila, chegava lá já tinha gente na frente nossa, era muita dificuldade, ai até a gente conseguia pegava e tinha vez que não conseguia, tinha vez que a água nem ia no chafariz, a gente ia pras casa com as vazia pedir balde de água pros outros, aqueles que tinha o coração bom dava, outros não, e quando a gente não achava nas casa, nós ia no rio e trazia o balde na cabeça, lavar roupa nós ia lavava no rio (CONCEIÇÃO, 2013).

Chama atenção as dificuldades enfrentadas por esse povo, pois muitas vezes era necessário pegar água no rio, sendo muito distante do bairro onde moram. Maria

Barbosa residente no bairro Vila Vicentina, mora em São Francisco há mais de 40 anos, migrou para a cidade após ser expulsa das terras de seu patrão. Ela relata as dificuldades de pegar água no rio: “(...) aqueles tambor de vinte litros, vinha com o balde na cabeça, morrendo, morrendo, e passava um, eu pedia pra tirar o balde pra mim descansar, tornava passar outro, pedia pra colocar de novo, até chegar aqui” (BARBOSA, 2013). Importante aqui dizer que Dona Maria Barbosa é deficiente, sofreu paralisia infantil, mas mesmo com os problemas físicos se via obrigada a ir em busca da água.

Maria Arlinda ainda descreve que depois de morar um bom tempo no bairro Aparecida, onde pegava água no chafariz, mudou-se para o centro da cidade, conseguiu uma casa onde não pagaria aluguel. De acordo com Arlinda, essa residência possuía água encanada, porém “a água faltava, roupa essas coisas, a gente lavava era no rio, e também pra não gastar muita água, porque a gente não tinha condições de pagar conta alta, a conta vinha cara, se tivesse água pagava, se não tivesse água pagava do mesmo jeito” (ARLINDA, 2013).

Ainda que no centro de São Francisco houvesse água encanada, percebemos na fala da entrevistada acima que o líquido não chegava às torneiras dos moradores todos os dias, faltava com frequência tanto os bairros periféricos quanto o centro da cidade sofriam com a falta d'água, porém, aqueles que pegavam água nos chafarizes padeciam ainda mais, porque não tinham reservatório em casa, tendo que ir à procura da água de outras formas, muitas vezes em período noturno. Diante do exposto percebemos as irregularidades ocorridas em torno do abastecimento de água na cidade, em muitos momentos os moradores não tinham água nas torneiras, mas a conta chegava, e para seu espanto o valor a se pagar era alto.

Também existiam conflitos com as pessoas que moravam próximo aos chafarizes, pois elas queriam controlar o sistema de abastecimento, isso gerava tumultos, as pessoas já estavam insatisfeitas por não ter água encanada em suas residências, tinham que levantar na madrugada para ir à busca água, correndo o risco de não encontrá-la, e ainda ter que se submeter às exigências de alguns moradores. Maria Arlinda nos conta um episódio referente a isso:

Ai um homem que morava lá bem pertim (...) ele queria ser dono do chafariz, pegou a minha lata e tirou do lugar, ai quando eu cheguei lá deu uma briga

danada, que quando eu cheguei lá que ele tinha tirado minha lata e tinha posto fora da fila, que eu perguntei, que foi ele, ai eu fui lá e perguntei ele, por que ele tirou minha lata? ai ele falou tirei porque não era pra deixar lata lá, eu peguei minha lata e sentei a lata lá, ela tem que ficar é aqui, porque ela é minha e eu não tomei vaga de ninguém, agora você tira ela de lá (...) Porque você não manda no chafariz, você tem água encanada em casa, você não dá a gente um balde de água, por que você não deixa nós pegar água do chafariz? Ele tinha água, e ficava vigiando o povo pra não panhar a água, e ele me xingou também (...) (ARLINDA, 2013).

Eram muitas pessoas que não possuíam água encanada em casa, os conflitos eram inevitáveis, por causa das brigas constantes que ocorriam em torno dos chafarizes, algumas pessoas passaram a pegar água nas casas que tinham água encanada, assim quando a conta da água chegava, era dividido pelas famílias. Maria Arlinda afirma que em algumas casas a água era dividida por cinco famílias:

(...) Pagava água no Bandeirante na casa de uma mulher lá (...) ai nos pagava uma taxa e pegando água lá, mas tinha que pegar água mais era a noite, que durante o dia a água ia embora, a água vinha a noite, ela falava, vocês aproveita de pegar água a noite, que amanhã manhece só o tanque de água, e ai não dá pra todo mundo. Eu acho que lá pegava bem umas cinco famílias, porque só junto comigo na Vila, nós era duas que panhava água lá, e tinha mais gente que pegava mais ou menos umas cinco famílias (ARLINDA, 2013).

De acordo com Tereza Maria, foi “muito sofrimento criar os filhos sem água, foi muito sofrimento inclusive pra lavar roupa, pra lidar em casa, inclusive chegava o dia de lavar roupa, não lavava porque não tinha água, tinha que ir lá pro rio, e longe né” (CONCEIÇÃO, 2013). Muitos não tinham condições de colocar água encanada em casa, pois para obter a água era necessário o pagamento de uma taxa.

Durante as entrevistas verificamos que algumas irregularidades persistem até os dias de hoje, pois nem todos os bairros da cidade de São Francisco possuem sistema de rede de esgoto, alguns bairros ainda sofrem com o sistema de abastecimento de água, visto que durante um período noturno não há água nas torneiras. Assim relata Maria Arlinda sobre o abastecimento de água hoje: “tá melhor, hoje tá até bom que a água falta mais às vezes, que nem aqui no bairro que eu moro, quando dá seis horas não tem água” (ARLINDA, 2013).

Desse modo, ao escolher a cidade de São Francisco, buscamos compreender como uma cidade situada às margens direita e esquerda do rio São Francisco, viveu o

drama da falta de água. Para tanto, foi necessário entender como se deu o processo de urbanização de São Francisco, assim entendemos que a cidade foi crescendo de forma desorganizada, sem planejamento. Dessa maneira que vilas e bairros foram surgindo na periferia da cidade e às margens do rio, no entanto, sem água, luz, rede de esgoto, escolas e unidades de saúde.

Através de registros e memórias dos moradores que vivenciaram esse período, verificamos que a implantação desse sistema se deu de forma inadequada, percebemos o quanto era problemático ter acesso à água potável. Assim sendo, foram inevitáveis os conflitos e tensões, os moradores da cidade protestavam pelo direito à água, visto que tê-la foi se tornando cada vez mais difícil. Ao final dessa pesquisa, constatamos que alcançamos os objetivos propostos, pois através das fontes e de depoimentos orais conseguimos mostrar como se deu o abastecimento de água na cidade de São Francisco, analisando os conflitos e tensões. Concluimos então, que o fornecimento de água na cidade campo de estudo provocou e provoca uma série de dúvidas e buscamos ao longo desta pesquisa responder algumas delas.

FONTES

Fontes Orais

ARLINDA, Maria. [70 anos]. [set. 2013]. Entrevistadora: Ariely Antunes. São Francisco, MG, 09 set. 2013.

BARBOSA, Maria. [67 anos]. [set. 2013]. Entrevistadora: Ariely Antunes. São Francisco, MG, 08 set. 2013.

CONCEIÇÃO, Tereza Maria da. [66 anos]. [set. 2013]. Entrevistadora: Ariely Antunes. São Francisco, MG, 23 set. 2013.

FERREIRA, Maria Gonçalves. [68 anos]. [set. 2013]. Entrevistadora: Ariely Antunes. São Francisco, MG, 12 set. 2013.

Documentos utilizados

Contrato de Concessão. São Francisco. Diretoria DNT. Certidão. Arquivo da COPASA.

Jornais de São Francisco

- SF, O Jornal de São Francisco. São Francisco. Domingo, 22/07/1962, Ano III.
- SF, O jornal de São Francisco. São Francisco. Domingo. 20/04/1969, Ano IX, N° 339.
- SF, o jornal de São Francisco. São Francisco. Domingo. 10/08/1969, ano IX, n° 354.
- SF, O jornal de São Francisco. São Francisco. Domingo. 01/02/1970, Ano IX, N° 377.
- SF, O jornal de São Francisco. São Francisco. Domingo. 16/05/1971, Ano XI, N° 440.
- SF, O Jornal de São Francisco. São Francisco. Domingo. 07/ 06/1970, Ano X, N° 395.
- SF, O jornal de São Francisco. São Francisco, 1971, Ano XI.
- SF, o jornal de São Francisco. São Francisco. Domingo. 20/12/1970, Ano X, N° 420.
- SF, o jornal de São Francisco. São Francisco. Domingo. 16/05/1971, Ano XI. N° 440.
- SF, o jornal de São Francisco. São Francisco. Domingo. 16/05/1971, Ano XI, N° 440.
- SF, O Jornal de São Francisco. São Francisco. 1970, Ano IX.
- SF, O Jornal de São Francisco. São Francisco, 12/09/1971. Ano XI.
- SF, O Jornal de São Francisco. São Francisco. Domingo. 04/06/ 1972, Ano XII, N° 400.
- SF, o jornal de São Francisco. São Francisco. 1972, Ano XII.
- SF, o jornal de São Francisco. São Francisco. 1973, Ano XII.
- SF, O Jornal de São Francisco. São Francisco. Domingo. 18/02/1973, Ano XII. N° 526.
- SF, O jornal de São Francisco. São Francisco. Domingo 05/12/1982.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Nôila Ferreira. **Eixos de desenvolvimento:** as cidades, os vapores e as locomotivas no Norte de Minas Gerais. 2012. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social/PPGDS, 2012.

BRAZ, Brasiliano. **São Francisco nos Caminhos da História**. Belo Horizonte: Ed. Leme, 1977.

SAMPAIO, Theodoro. **O Rio de S. Francisco e a Chapada Diamantina**: trechos de um diário de viagem (1879-80). Publicado pela primeira vez na Revista S. Cruz. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1905.

SILVA, Daiane Pereira da. **O urbanismo no Brasil**: uma análise histórica da cidade de São Francisco-MG. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Departamento de História da Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, São Francisco, 2013.

SILVA, Valmiro Ferreira. **Uma enchente, uma história, um povo**: A formação do bairro Sagrada Família em São Francisco-MG. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Departamento História da Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, São Francisco, 2008.